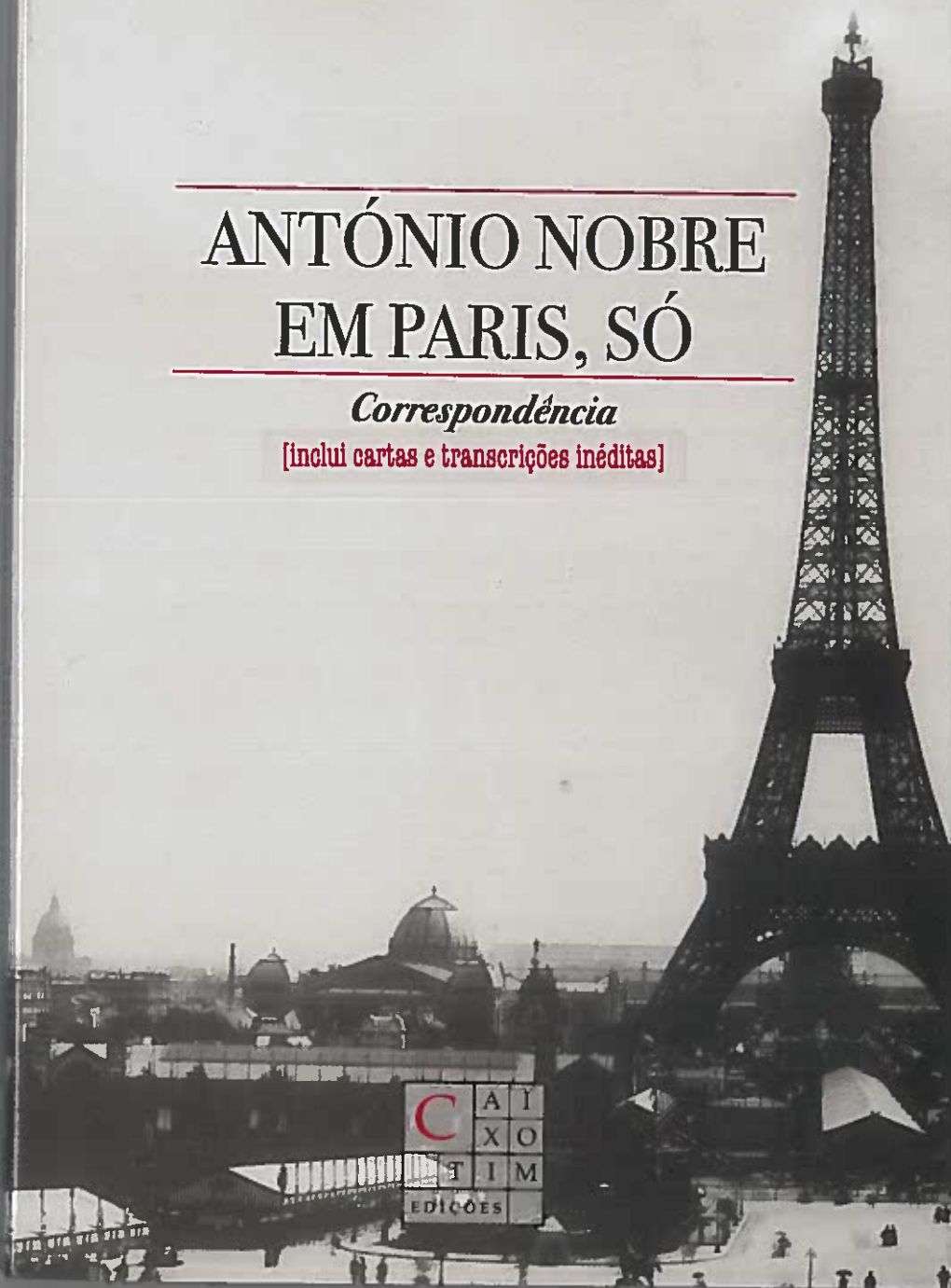

ANTÓNIO NOBRE EM PARIS, SÓ

Correspondência

[inclui cartas e transcrições inéditas]



ANTÓNIO NOBRE EM PARIS, SÓ

CORRESPONDÊNCIA

ANTÓNIO NOBRE EM PARIS, SÓ
CORRESPONDÊNCIA

Autor

Fernando Carmino Marques

Capa

P e Q
design

Ilustração da capa
Paris, finais séc. XIX

Colecção

«Caixotim Memórias»

Impressão e acabamento
ROCHA/artes gráficas

Depósito Legal
232923/05

ISBN
972-8651-75-9

© EDIÇÕES CAIXOTIM
Setembro 2005

INTRODUÇÃO E NOTAS

Fernando Carmino Marques



Introdução

As quarenta e sete cartas que António Nobre escreveu e enviou durante a sua permanência em Paris, entre Novembro de 1890 e Março de 1895, destinam-se essencialmente a Alberto de Oliveira e Augusto Nobre, amigo e irmão respectivos do poeta¹.

Se a correspondência para o primeiro (que durou pouco mais de um ano) é reveladora do estado de espírito de António Nobre durante a composição do *Só*, o mesmo não acontece com as cartas dirigidas ao irmão e a outros destinatários, pois nunca atingem a intensidade emocional que caracteriza a correspondência para Alberto de Oliveira².

A leitura destas cartas mostra-nos também uma interessante relação com o *Só*, a intertextualidade existente entre os vários textos afigura-se-nos elucidativa de aspectos menos conhecidos da personalidade do seu autor. A dificuldade que

¹ Na realidade, António Nobre escreveu e enviou de Paris quarenta e duas cartas, a este número juntamos, por não nos parecer deslocado, as cinco cartas escritas durante duas das viagens marítimas feitas pelo poeta: três a bordo do "Britannia", duas a bordo do "Sintra".

² Em Setembro de 1899, Nobre enviou ainda de Paris uma última carta (bilhete-postal) a seu irmão Augusto; trata-se, porém, de uma carta escrita durante uma pausa parisiense, pois o poeta viajava na altura para a Suíça.

António Nobre sentiu para se distanciar do que ia escrevendo está patente nesta correspondência, que revela não só a sua concepção da existência como nos ajuda a entender a sua poesia de maneira diferente, como adiante teremos a ocasião de verificar.

Antes de nos determos sobre a intertextualidade a que aludimos, vejamos primeiramente o conteúdo da correspondência em questão.

1. Cartas e destinatários

As cartas enviadas para Alberto de Oliveira, principal destinatário da correspondência parisiense de António Nobre, são substancialmente diferentes das outras. O autor do *Só* confia-se a alguém que foi para ele muito mais que um amigo¹. A nenhum outro dos seus destinatários, mesmo os mais chegados, António Nobre escreveu, com efeito, tão pormenorizadamente sobre si e os seus sentimentos durante a sua estadia em França².

Nestas treze cartas de Paris, e nas cinco escritas a bordo do “Britannia” e do “Sintra”, assistimos à descrição da emoção

¹ A extensão dessas cartas é tal que por duas vezes António Nobre se interroga sobre a sua necessidade de encher a folha de papel. Em Novembro de 1890 pedia ao amigo que este o ajudasse a encontrar uma resposta para a sua questão: “Ó Alberto para que hei-de ter a neurose de encher sempre uma folha de papel até ao fim?”. E a 10 de Dezembro de 1891 informava o destinatário que já ia na terceira folha e ainda não dissera tudo: “*You na terceira folha e ainda não te disse...*”

² Na mais extensa das cartas enviadas aos outros três destinatários a quem o poeta com mais regularidade escreveu, o recém-formado António Nobre informava José de Castro sobre o seu estado físico e moral, ao mesmo tempo que lhe pedia informações sobre o significado exacto de alguns termos técnicos que necessitava para terminar uma tradução que lhe tinham confiado. É nesta carta, a última enviada de Paris em Março de 1895, que o poeta anuncia que tinha acabado os seus estudos e confessava, desmoralizado, quanto tudo lhe parecia inútil. O tempo e o dinheiro que considerava ter perdido: “*E só agora vejo a sua inutilidade, destes cinco anos e cinco contos que, aqui, gastei*”.

provocada pela separação, ao entusiasmo da chegada, ao isolamento progressivo e voluntário do poeta, e finalmente ao corte de relações entre os dois amigos¹. Num tom muito solene, que contrasta com as restantes cartas, o poeta exige que o senhor Alberto de Oliveira lhe devolva a correspondência que durante um largo período de tempo lhe enviara. Quase três mil páginas esbarrachadas a tinta cuja publicação seria, no dizer do poeta, a sua morte moral:

“Seria a minha morte o seu conhecimento, na publicidade”².

Descritas em pormenor a viagem e a instalação nas primeiras cartas, António Nobre propõe-se fazer nas seguintes a análise psicológica (a frase aparece cinco vezes nas cartas para Alberto de Oliveira) das pessoas que vai encontrando. Entre elas figura o cônsul Eça de Queirós que o poeta descreve como um homem tão triste quanto ele, para depois concluir que o autor de *Os Maias* não lhe servia como companheiro³, que não tencionava voltar a vê-lo, apesar do con-

¹ Decisão efectiva provavelmente no início de 1893, embora precedida por uma longa carta que Nobre preparara e enviara em Dezembro de 1891. Nessa carta o poeta constatava que o amigo não era tão puro como o tinha sido: “*Ouve: tens sim muitos pecados para comigo, não és tão puro como há um ano*”.

² É bastante esclarecedor verificar a que ponto as fórmulas de cortesia empregues por António Nobre revelam o seu estado de espírito no momento em que escrevia estas cartas. O poeta que recorre frequentemente ao possessivo “teu” (revelador da afeição do emissor que com ele declara pertencer ao destinatário da carta), com o decorrer do tempo utiliza-o cada vez menos, substituindo-o por fórmulas mais impessoais. A sua vontade de manter a distância com o destinatário atinge o limite na última carta enviada a Alberto de Oliveira, a fórmula conclusiva, administrativa e impessoal, escolhida pelo poeta resume tudo: “*eu abaixo assinado António Nobre*”.

³ Num estilo que denuncia preocupações de ordem formal e literária, Nobre descreve pormenorizadamente como viu o autor de *A Capital* e o seu local de trabalho, o consulado de Portugal.

vite que Eça lhe fizera para visitá-lo em sua casa¹. Decisão que, em certa medida, denuncia já a vontade do poeta de se isolar, recusando a realidade parisiense que ele tanto desejara. António Nobre criava assim as condições propícias para escrever o seu livro, cujo título e conteúdo são o reflexo desse voluntário isolamento.

A rápida transformação provocada pelo contacto com a vida parisiense, levava o poeta a escrever entusiasticamente que notava já nele uma reacção espiritual:

“eu noto uma reacção espiritual em mim: pelo menos sinto que se cria de novo em meu espírito um certo interesse pelos Destinos, pelas Almas, pelo Além”².

Pouco depois, porém, António Nobre apercebeu-se que nem tudo era positivo e, apavorado pelos encontros que ia fazendo, e por aquilo que lhe contavam sobre Jean Moréas e Paul Verlaine (poetas cujas vidas considerava abjectas), fechou-se em si, isolando-se³.

Intranquila solidão a sua que, associada à saudade de Portugal, passa então a ser declarada abertamente:

“uma imensa nostalgia me cobre a todo o instante, não me dando sequer ocasião de aproveitar estes anos de Paris como a gente sonha antes de para cá vir”.

Sentindo-se só e incompreendido, António Nobre pedia socorro, por escrito, àqueles que tinham ficado em Portugal,

¹ “Assim, não tenciono procurá-lo, pois que é que nós havíamos de dizer, se ele é tão triste como eu, e eu mais esquisito do que ele”. Carta datada de 25 de Novembro de 1890.

² Carta datada de 8 de Dezembro de 1890.

³ Na carta onde o poeta descreve o seu primeiro encontro com Eça de Queirós, datada de 25 de Novembro de 1890, há uma extensa e significativa passagem que explica esta reacção (cf. pp. 60-61).

os únicos que, na sua opinião, seriam susceptíveis de lho prestar. O grito de desespero enviado a Alberto de Oliveira é profundamente revelador da sua momentânea incapacidade de se adaptar às circunstâncias da vida:

“Ai de mim! ai de mim! Socorro! Socorro! Quem me acode”.

Fechando-se, o poeta criou o seu próprio conflito e sentiu-se incapaz de se desfazer dele. António Nobre não compreendeu que a sua luta interna resultava da sua percepção das coisas, que as suas crenças contraditórias eram a causa do seu sofrimento. A indiferença de que se queixava era uma consequência da sua vontade de se isolar:

“Entretanto aqui só encontro a indiferença”¹.

A partir daí Paris perdeu os seus atractivos e tornou-se para ele banal, cinzento e triste, adjectivos que no seu espírito criavam um contraste e uma oposição com a paisagem e o sol de Portugal, tantas vezes idealizados entre brumas de saudade no *Só*. As palavras escolhidas para caracterizar Paris e Coimbra traduzem claramente o estado de espírito de António Nobre nesse momento tão particular da sua existência: tédio e banalidade para uma:

“neste banal Paris embirrento de civilização”²,

doçura e suave melancolia para outra:

“E Coimbra, a sua incomparável paisagem, que saudades, que melancolia por ela!”³.

¹ Carta de 2 de Fevereiro de 1891.

² Carta de 1 de Outubro de 1892.

³ Carta de 25 de Novembro de 1890.